

Resenha

Atualização em TDAH: Guia de Compreensão e Manejo para Profissionais da Saúde Mental

ADHD Update: a Guide for Comprehension and Management for Mental Health Professional

Actualización del TDAH: Guía de Comprensión y Gestión para Profesionales de la Salud mental

Patrícia Silva Lúcio

Universidade Estadual de Londrina (UEL), PR, Brasil.

E-mail: pslucio@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7125-206X>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 12, n. 1, p. , Janeiro-Junho, 2020 - ISSN 2175-5027

[Submetido: Julho 30, 2019; Revisão1: Agosto 08, 2019; Aceito: Agosto 15, 2019; Publicado: Dezembro 20, 2019]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i1.3457>

Editor: Jean Von Hohendorff

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui!/click here!](#)

Resenha

Rohde, L. A., Buitelaar, J. K., Gerlach, M., & Faraone, S. V. (2019). *Guia para compreensão e manejo do TDAH da World Federation of ADHD*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Por que escrever mais um livro sobre o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH)? É a pergunta que fazem os organizadores do livro *Guia para compreensão e manejo do TDAH da World Federation of ADHD*. Logo no prefácio, compreendemos a importância e o diferencial da obra. O livro, editado pela Artmed, foi editado no Brasil no ano de 2019 e foi simultaneamente traduzido para o inglês, o espanhol e o chinês. Este empreendimento possibilita que as atualizações sobre os aspectos mais gerais sobre o TDAH, tais como suas características neurobiológicas e critérios diagnósticos, cheguem com uma linguagem comum para diferentes culturas. O alcance deste livro é, portanto, um ponto forte que não se pode ignorar. As versões nas outras línguas são disponibilizadas gratuitamente na forma de *e-books*. Na língua inglesa, pode ser acessado neste link https://www.adhd-federation.org/fileadmin/user_upload/PDFs/2019/The_WF_ADHD_Guide_072019.pdf.

Um segundo ponto que chama a atenção é a equipe por trás deste esforço. Quem é estudioso/a do TDAH, consegue perceber que os pesquisadores mais importantes na área são responsáveis pela escrita dos capítulos, sendo docentes de intuições de distintas partes no mundo. O livro é organizado por cinco professores e pesquisadores: Luiz Augusto Rohde (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil), Jan Buitelaar (Radboud University Medical Center, Holanda), Manfred Gerlach (University of Würzburg, Alemanha) e Stephen Faraone (SUNY Upstate Medical University, Estados Unidos). Cabe ressaltar que o brasileiro Dr. Luiz Augusto Rohde é membro do grupo de trabalho da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) para o TDAH e transtornos disruptivos.

Terceiro, e não menos importante, é a própria ideia do livro, ou seja, criar um guia de referência conciso (o livro é organizado em seis capítulos), com linguagem acessível (apresenta dados científicos de um modo palatável a profissionais de diversas áreas, sem perda de conteúdo ou profundidade de informações) e que apresente, sobretudo, diretrizes para a atuação com pacientes de países de média e baixa renda (*low-middle income countries*). Esse ponto é muito importante: dar acesso a informações atualizadas sobre o TDAH para profissionais que, de outro modo, teriam dificuldade em manter-se atualizados, dada grande massa de pesquisas com o tema que chegam cotidianamente nos periódicos científicos, a sua maioria na língua inglesa (e, também em sua maioria, conduzidas em países de alta renda).

Sobre a questão da linguagem comum para países de baixa renda colocada no parágrafo anterior, cabe mencionar uma questão importante: existem diferentes

pontos de vista sobre o TDAH e sua etiologia ainda não foi completamente esclarecida. Há autores que até mesmo questionam sua existência ou aqueles que o colocam sua manifestação como um problema da cultura¹. Nesse sentido, é necessário entender que o ponto de vista que se coloca para o TDAH, e que irá nortear a leitura do livro, é de que ele constitui um transtorno do neurodesenvolvimento que persiste ao longo da vida e cuja manifestação causa prejuízos distintos em função das fases de desenvolvimento da pessoa. Ademais, coloca o TDAH dentro de um sistema diagnóstico em periódica alteração, que tem convivido com a ideia de que ele constitui uma dimensão cujos polos seriam, de um lado, uma manifestação leve e, de outro, uma mais severa. É preciso, portanto, esclarecer que a linguagem comum proposta no livro é para aqueles que compartilham desse ponto de vista, sejam eles psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e demais profissionais que direta ou indiretamente tratam indivíduos que apresentam o TDAH.

A didática do livro também é um aspecto que merece ser mencionado. Muitos resultados de pesquisas são sintetizados de forma gráfica ou em tabelas que facilitam o fluxo da leitura e sua compreensão. Para alunos de pós-graduação que estejam iniciando suas pesquisas na área, o guia serve como uma revisão do estado da arte. Para aqueles que ensinam sobre o TDAH (seja em cursos de atualização, seja na universidade), há em todos os capítulos *links* diretos para palestras, vídeos e aulas que, por meio de código QR, podem ser acessados diretamente em *tablets* ou *smartphones*. Infelizmente, esses *links* são direcionados para páginas em inglês, o que limita o acesso à informação do público alvo do livro. Apesar dessa limitação, pode-se dizer que o guia favorece a autoaprendizagem. Seria proveitosa uma iniciativa por parte dos autores de coletar informações de páginas em português (e nas respectivas línguas em que o livro foi simultaneamente editado) para que fossem incluídas como anexos.

O primeiro capítulo, *Compreendendo conceitos essenciais da etiologia do TDAH*, é escrito por Faraone e colaboradores e sintetiza as pesquisas que, ao longo de décadas, buscaram elucidar as bases genéticas e ambientais (e seus fatores de interação) envolvidas no transtorno. Neste capítulo, os conceitos das variantes e marcadores genéticos relacionados ao TDAH são apresentados de forma simples, assim como os métodos de pesquisa utilizadas para determinar a herdabilidade e os fatores de risco ambientais. Adicionalmente, coloca-se aqui o debate recente sobre o TDAH ser visto como categorias diagnósticas ou como uma dimensão (traço contínuo), abrindo com este diálogo novas possibilidades para o delineamento de estratégias diagnósticas que simultaneamente considerem as facetas da heterogeneidade clínica e etiológica do TDAH.

1 Aqui, coloco a referência de uma leitura muito interessante e desafiadora para aqueles que questionam o modo como o TDAH é tratado na literatura *mainstream* (ou dominante). Infelizmente, ainda não editado no Brasil e disponível apenas em inglês. Pode ser obtido pela Amazon. (Timimi, S. (2005). *Naughty boys: Anti-social behaviour, ADHD and the role of culture*. Macmillan International Higher Education).

Buitelaar e seus colaboradores são responsáveis pela escrita do segundo capítulo, *Compreendendo os fundamentos da neurobiologia do TDAH*. As relações estrutura-função alteradas nos indivíduos com TDAH são exploradas no capítulo, bem como os padrões de alterações cognitivas que envolvem prejuízos nas funções executivas, no sistema de recompensa, regulação, orientação, dentre outros. Discute-se a questão da heterogeneidade desses aspectos entre os pacientes, além da ausência de um marcador neurológico único e suas repercussões para os problemas encontrados nos sistemas diagnósticos atuais.

Na sequência, Rhode e colegas apresentam a avaliação do TDAH dentro de uma perspectiva *lifespan*. A literatura tem reconhecido a manutenção dos sintomas de TDAH em grande parcela de adolescentes e adultos, a despeito da remissão que se observa. Desse modo, a avaliação e diagnóstico não devem se restringir ao período da infância, sendo que os marcadores clínicos irão diferenciar de acordo com a faixa etária da pessoa. Os autores apresentam as diferenças dos sistemas baseados na Classificação Internacional de doenças (CID) e no DSM e também as alterações dos critérios diagnósticos no DSM-5 em relação à versão anterior do manual. Um fluxo de procedimentos de avaliação clínica é fornecido ao final do capítulo e ressalta o aspecto clínico do diagnóstico do TDAH (i.e., ausência de um padrão ouro e a necessidade de coletar informações de diferentes fontes, por meio de entrevistas). Para aqueles que trabalham na atenção primária, os autores recomendam o uso de escalas e entrevistas semiestruturadas traduzidas para o português e disponíveis gratuitamente em sites, as quais são bastante conhecidas dos pesquisadores mas podem não ser acessíveis ao grande público, como o *Development and Well-being Assessment* (DAWBA) que pode ser acessado neste link (<http://dawba.info/py/dawbainfo/b1list.py?language=Portuguese>) e o Diva 2.0 para adultos disponível nesta página http://www.divacenter.eu/Content/VertalingPDFs/DIVA_2_Portugees_FORM.pdf.

Brown e Kennedy apresentam os aspectos psicoeducacionais do tratamento do TDAH no capítulo *Estabelecendo um plano psicossocial para o controle do TDAH*. Assim sendo, apresentam a abordagem ao paciente e às suas famílias, de modo a reduzir os preconceitos, retificar mitos e melhorar o cuidado e a adesão ao tratamento. Diversos tipos de estratégias para a vida cotidiana são apresentados no texto, tais como criação de rotinas e ambientes de estudo e trabalho, desenvolvimento de disciplina em crianças, manejo de emoções e conflitos, estratégias de autorregulação, dentre outros.

O penúltimo capítulo, *Organizando e fornecendo tratamento para o TDAH*, de Coghill e colegas, aborda o manejo do tratamento medicamentoso do TDAH, especificando questões relacionadas aos medicamentos mais utilizados e à dosagem, compreensão pelo/a paciente e pela família sobre o tratamento, subtipos e efeitos adversos, assim como questões específicas sobre as diferentes respostas e manejo frente à presença de comorbidades.

No último capítulo, *Conversando sobre o TDAH com pacientes e suas famílias*, Rohde e colaboradores listam os 10 mitos e dúvidas mais frequentes sobre o TDAH, assim como lidar com esses mitos e dúvidas durante a interação com os pacientes e suas famílias. A principal diferença entre o que é exposto neste texto e o capítulo 4 refere-se ao enfoque. Enquanto o capítulo 4 aborda de forma mais extensa especificidades do tratamento, da conduta clínica e do manejo, o último capítulo aborda a questão dos mitos relacionados ao transtorno de uma maneira menos formal, sendo inclusive indicado para a leitura de pacientes e de suas famílias. São exemplos de pontos abordados no capítulo: “como pode uma criança que passa horas jogando *videogame* ter TDAH?”; “como meu filho tem TDAH se não é hiperativo?”.

Para finalizar esta resenha, faço duas reflexões. Primeiro: O que faltou neste guia? Para aqueles que trabalham com a saúde pública, seja em unidades básicas da rede do sistema único de saúde (SUS), seja em clínicas ou hospitais universitários, fica uma lacuna sobre como seriam os protocolos de avaliação peculiaridades de tratamento nestes casos. Apenas a título de exemplo, como ficaria a questão do gerenciamento do atendimento a famílias de baixa renda e pouco alfabetizadas, pensando-se no papel da psicoeducação no TDAH? Pela simplicidade da leitura, é possível se pensar em modos de adaptação dos conteúdos apresentados para esta realidade, entretanto, o trabalho ainda precisa ser feito. De modo semelhante, não são exploradas as (existentes ou potenciais) políticas públicas para os pacientes. Claro que esta questão foge ao objetivo do livro, que é o de criar um guia que seja referência entre culturas, para países *low-middle income*, ou seja, as peculiaridades do contexto brasileiro devem ser tratadas em referências à parte (e.g., nosso sistema de saúde difere extensamente da realidade de outros países de baixa renda, como a Bolívia ou a Namíbia). Por este motivo, o guia se restringe os aspectos gerais encontrados por aqueles que trabalham com o TDAH (etiologia, diretrizes diagnósticas, fatores de risco, entre outros). Em síntese, apesar de ter um valor inestimável para que profissionais, não apenas da psiquiatria, mas para outras áreas do cuidado em saúde, possam entender as causas e os diferentes tipos de tratamento do TDAH, essa é uma questão que não recebe uma atenção profunda no livro.

Sobre a segunda reflexão, faço uma modificação da pergunta inicial feita pelos organizadores do livro: para que adquirir mais um livro sobre TDAH? O livro sintetiza informações atualizadas e em linguagem acessível sobre o TDAH, desmistifica preconceitos e nos conduz a um estado da arte sobre o tema. Por estas razões, é de utilidade tanto para profissionais que estão em busca de atualização (dentre eles professores, psicólogos e fonoaudiólogos) quanto para estudantes que se interessam e pretendem adentrar por este ramo da saúde mental.